

O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO¹: DESENHO DE UMA TESE DE DOUTORADO

JULIA ROCHA CLASEN¹; LIVIAN LINO NETTO²; ALINE ACCORSSI³

¹*Universidade Federal de Pelotas – clasenjulia1@gmail.com*

² *Universidade Federal de Pelotas – livianlino@gmail.com*

³ *Universidade Federal de Pelotas – alineaccrossi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda reflexões presentes na construção da tese de doutorado da primeira autora no campo da Educação. A pesquisa passa a se desenhar a partir de encontros com movimentos sociais, tanto no sentido delimitador do tema, quanto no modo que se concebe e questiona a realidade. É possível afirmar que a construção dessa pesquisa ocorre na mesma medida em que a inserção da pesquisanda ou pesquisadora se coloca e participa do mundo, do seu entorno. Trata-se, portanto, de uma pesquisa sobre (e com) os movimentos sociais, mais especificamente acerca do movimento estudantil secundarista e sua ação nacional de ocupação das escolas no ano de 2016 no Brasil.

A proposta de tese configura-se como uma pesquisa militante, desenvolvida no Sul do Brasil, na América Latina, no ano de 2022. Ano em que vivenciamos uma pandemia mundial pelo vírus do COVID-19 e, ao mesmo tempo, passamos por um governo ultraconservador, antidemocrático e com uma postura genocida diante do contexto de morte demarcado pelo ataque do vírus COVID-19 e pelas contradições do capitalismo em sua expressão neoliberal e neoconservadora.

Este é o lugar desde onde o trabalho é desenvolvido e em qual contexto é escrito. Elementos delimitadores de algumas das lentes utilizadas para sua construção. Neste estudo, busca-se compreender como o movimento de ocupação secundarista, especialmente o que ocorreu no ano de 2016, contribuiu no desenvolvimento do processo de consciência política das estudantes que estiveram envolvidas na sua articulação. Ou, em outras palavras, procura-se compreender como o movimento influiu acerca do processo de consciência política das/os estudantes que participaram da sua articulação e se foi esse um movimento delimitador do seu engajamento político posterior. Para além do movimento em si, também se busca construir memórias políticas da ação (visto que a presente pesquisa é desenvolvida seis anos depois da ocorrência do movimento).

2. METODOLOGIA

Ao propor uma análise da consciência política das estudantes secundaristas a partir da sua participação no movimento de ocupação secundarista, é importante demarcar também a concepção ontológica que acompanha esta pesquisa. A compreensão do ser e da realidade são centrais para indicar a compreensão do que seria o processo de consciência política, questão fundamental nesta pesquisa.

¹ Apropriação do poeta Antônio Machado, presente também no texto de SILVA, Juremir Machado da. Os (Des)Caminhos Do Método: Uma Nova Reflexão Sobre A Finalidade Dos Meios. APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação. Vitória da Conquista Ano III n. 5, 2005, p. 155-163.

O entendimento acerca do ser social, parte de uma análise dialética da realidade, que coloca o sujeito enquanto ser que se forma por meio das relações que estabelece em cada tempo histórico. O sujeito é produtor da realidade, ao mesmo tempo em que é formado por essa, a partir das suas necessidades materiais, da relação que o sujeito estabelece com a natureza e com outros sujeitos, que se forma a sociedade em cada tempo histórico. Assim, conforme Marx e Engels (2009), a consciência não é algo que antecede a realidade, mas representa o processo real de vida dos sujeitos.

Entende-se aqui o sujeito como ser coletivo, não a partir de uma individualidade isolada. Desta forma, não pode a consciência também ser formada por meio da individualidade, mas se fundamenta nas relações estabelecidas pelos sujeitos em cada tempo histórico, em cada época da sua vida.

Esta compreensão ontológica do ser social, articula-se, na presente pesquisa, com o campo epistemológico, no sentido de pensar a produção do conhecimento, tanto na sua construção, quanto naqueles que o produzem. Adota-se a perspectiva dos Círculos Epistemológicos (ROMÃO et al, 1998) que, muito mais do que um traçado metodológico da pesquisa, apresenta uma perspectiva de sujeito como sujeito coletivo, produtor de conhecimento.

Conforme Romão (et al, 1998), os Círculos Epistemológicos pressupõem uma superação da hierarquização de saberes e sujeitos, ou seja, é preciso deixar de lado algumas roupagens, para que consiga estar em um processo dialógico de formação do conhecimento. Embasado em uma perspectiva freiriana, os Círculos Epistemológicos pressupõem um processo de conscientização que ocorre no movimento dialógico do conhecimento. Todos que ali estão, no grupo, fazem parte do processo. Assim, é preciso que se abandone o papel de pesquisador/a, para que todos se façam pesquisados/as. Sujeitos que ao mesmo tempo em que pesquisam também são pesquisados (ROMÃO et al, 1998).

É necessário que se entenda que os sujeitos dispõem de conhecimentos perspectivados, e a pesquisa, quando é feita em um movimento individual de análise também vai ter um saber perspectivado. Assim, o que se busca é a formação de um sujeito transversal, capaz de formar um novo conhecimento, que insurge do diálogo daquele espaço de pesquisa.

É indicativo que os Círculos Epistemológicos são mais do que um método, mas compreendem uma perspectiva epistemológica e metodológica, indicam um meio de fazer pesquisa, que não se esgota em si, mas que coloca inclusive a perspectiva de autoria da pesquisa em interrogação. O/a pesquisador/a fornece os meios para que os Círculos ocorram, mas também é afetado pelo processo de conhecimento e de conscientização que ali se propõe. Todos são pesquisados/as. O processo de análise também condiz com um movimento coletivo, para que os resultados da pesquisa correspondam com o conhecimento que foi produzido no espaço.

Compreende-se assim que o movimento de construção da pesquisa não é um só, mas condiz com uma elaboração e reelaboração, com um levantamento e estudo prévio, até chegar à forma como é possível caminhar na pesquisa. Como coloca Edgar Morin (1999), método não é a mesma coisa que uma metodologia, uma vez que a metodologia vem definida a priori, enquanto o método deriva do nosso percurso, é o nosso percurso. Engloba assim, descoberta e inovação.

Como Juremir Silva (2005) coloca: “O método não é o caminho seguro. Talvez seja o percurso. Entre o caminho e o percurso existe sempre uma margem desconhecida” (SILVA, 2005, p. 154). O método é parte de um percurso, de um caminho, que corresponde a possibilidade de questionar a realidade, um constante

desconhecer para conhecer, para ver o que não é visto, ouvir o que está distante de você.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa militante na América Latina tem acúmulos teóricos e epistemológicos advindos do pensamento crítico latino-americano. Marca de uma produção do conhecimento que nos apresenta considerações que agem em um sentido de superação da dicotomia presente no pensamento científico dominante, fundamentado em uma oposição entre sujeito e natureza; objetividade do conhecimento e subjetividade; sujeito e objeto; pensamento e ação. Romper com o positivismo, enquanto paradigma dominante do pensamento científico, significa também superar um assombramento que acompanha os/as pesquisadores/as.

Dentro da perspectiva da Pesquisa Militante, existem diferentes formas de fazer pesquisa, que apontam também distintos caminhos analíticos da realidade. Concorda-se com Jaumont e Veralla (2016) quando colocam: “estamos convencidos que o encontro destas convergências aponta para um Sul comum, ou seja, para um caminho coerente e cheio de potencialidades para a produção de conhecimentos militantes” (JAUMONT; VERALLA, 2016, p. 436).

Assim, é dentro desta perspectiva, de uma pesquisa que tem um fim de intervenção e contribuição à transformação da realidade, que se desenvolve a presente pesquisa de doutorado, que busca analisar o movimento estudantil secundarista brasileiro nos anos de 2015 (em São Paulo) e 2016 (nacionalmente). Anos nos quais as/os estudantes secundaristas assumiram um papel de vanguarda política nas lutas sociais e foram articulares políticos da resistência frente a uma conjuntura de acirramento da luta de classes e intensificação de ataques sociais e retiradas de direitos. Quadro esse, que se ousa dizer, demarca o caminho para o governo ultraconservador que vivenciamos atualmente.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho apresentou uma breve e introdutória reflexão acerca do caminho que, conforme já colocado, iniciou desde antes das primeiras linhas desta pesquisa serem delimitadas. Pesquisar a partir de uma ótica da pesquisa militante não é um caminho simples. Tal abordagem coloca a/o pesquisadora/r frente à desafios do desconhecido, bem como tensiona concepções do fazer científico, embasadas no positivismo, estabelecidas ainda hoje como um lugar seguro. Por ser uma pesquisa ainda inicial, não se tem conclusões a apresentar. Apenas referenda-se a necessidade de articular a pesquisa enquanto um compromisso, um compromisso social. A pesquisa que ao ser feita indaga e constrói novos conhecimentos visando a transformação e a libertação.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERNANDEZ, Aline Reis Calvo. Viropolítica. **Revista Psicologia Política**, ISSN-e 1519-549X, Vol. 21, No. 51, 2021, págs. 421-434.

JAUMONT, Jonathan; VARELLA, Renata Versini Scott. A Pesquisa Militante na Amé- rica Latina: trajetória, caminhos e possibilidades. **Revista Direito e Práxis**. Rio de Janeiro, vol. 07, n. 13, 2016. p.414-464.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução Álvaro Pina. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MORIN, Edgar. **O Método 3** – o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

ROMÃO, José Eustáquio; CABRAL, Ivone Evangelista; CARRÃO, Eduardo Vítor de Miranda; COELHO, Edgar Pereira. **Círculo Epistemológico**. Círculo de Cultura como Metodologia de Pesquisa. São Paulo: IPF, 2006.

SILVA, Juremir Machado da. Os (Des)Caminhos Do Método: Uma Nova Reflexão Sobre A Finalidade Dos Meios. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**. Vitória da Conquista Ano III n. 5, 2005, p. 155-163.